

José Ortega y Gasset dizia, certa vez, que a verdadeira fruição estética, e o prazer artístico, pouco tinham a ver com o humano na obra. Também referia que o olhar, sobre o objecto de arte, se resumia a uma questão óptica extremamente simples.

Relembrava o exercício ocular, em constante acomodação, que não permitia a simultaneidade da percepção de estímulos, tendo sempre que haver a exclusão de um elemento visual sobre o outro.

A impossibilidade, como dizia Gasset, de o olhar se fixar, no ato de fruição da obra, simultaneamente em duas acomodações oculares diferentes, é um exemplo dado pelo autor para melhor ilustrar a tensão estabelecida entre duas dimensões importantes para a compreensão da obra de arte. A narrativa, a paixão humana, progressivamente afastada da arte moderna, dá lugar a elementos puramente estéticos que estimulam o verdadeiro prazer artístico, onde *a preocupação com o humano da obra é, em princípio, incompatível com a estrita fruição estética*¹.

Nas obras do artista Luís Brilhante, agora presentes na galeria, observamos fundos orgânicos, imbuídos de intensa gestualidade. Contrastam, pelas suas manchas irregulares, com as formas geométricas circulares, de contornos bem definidos, que surgem a cobrir essas superfícies, de modo regular e padronizado.

As formas circulares, concavas ou convexas - por vezes opacas - obedecem a uma trama invisível, a uma estrutura que cumpre, ou pelo menos evoca, o silêncio do discurso, a supressão da narrativa. Os predicados que se erguem são, exclusivamente², do domínio da visualidade pura, inerente à obra pictórica.

Rosalind Krauss descreve a funcionalidade da grelha, ou matriz. *Geometrizada, plana*³, *ordenada, antinatural, antimimética, antireal*⁴, estabelece um decreto sobre estética⁵. Um lugar que permite que a arte se manifeste *autónoma e autotélica*, e simultaneamente *única e diferente de tudo o que, no passado, fora feito*⁶.

¹ Ortega y Gasset, J (2018). *A desumanização da arte*. Passagens. Nova Vega, pág 63 a 65

² Krauss, Rosalind E (1986). *The Originality of the Avan-Garde and Other Modernist Myths*. The MIT Press. Pág. 9

³ ibidem

⁴ ibidem

⁵ Aesthetic decree, nas palavras de Krauss

⁶ Pag. 10

As composições do artista, por um lado, parecem compreender, uma ligação, mesmo que ténue, entre uma realidade objectiva do mundo, (uma ciência do real), e uma arte *non-objective* e universal.

Estabelecem, como que, um confronto entre diferentes tempos, postos em diálogo, e num mesmo plano. Desafiando, num perfeito ato de contemporaneidade, a linearidade da história de arte.

Parece haver, por isso, um propositado controlo sobre o figurativo, e, em simultâneo, uma desaceleração, estabelecida pela imprevisibilidade da mancha.

Texto presente na folha de sala de “Pregnâncias”, exposição Centro Cultural do Bom Sucesso, Alverca do Ribatejo⁷

•

O poeta, e escritor, Pierre Alferi, dizia certa vez, sobre a literatura: “a literatura forma frases novas, que operam apenas sobre aquilo que elas mesmas dizem e contêm o seu próprio passado. Produzir uma frase e produzir a sua origem confundem-se então no facto de dizer”⁸.

O autor fala de *retorno*, e de *retrospectiva*. “A literatura inventa o passado das frases”⁹, diz-nos. “É um anterior projectado, (...) faz da origem um episódio sempre contemporâneo, sublinha nele a primeira vez”¹⁰.

Tal como a literatura, a arte pode ser retrospectiva, *modeladora de começos*, num invariável retorno às frases que lhe deram origem.

A pintura de Luis Brilhante desvenda-nos esse movimento circulatório, em que, em cada frase nova, desvela a sua marca de origem. Uma marca que se enleia na orla do ritmo.

Carla Carbone

18/11/2024

⁷ Carbone, C (2024) *Pregnâncias*, de Luís Brilhante, Exposição de Desenho e Gravura. Folha de sala. Centro Cultural do Bom Sucesso. Alverca do Ribatejo. Pág. 28 Set. a 9 Nov. 24

⁸ Alferi, P. (1999) Procurar uma frase. Nova Vega. pág. 21

⁹ ibidem

¹⁰ Ibidem